

Escrita como processo: experimentações



Organizadoras:
Betina Hillesheim
Leticia Lorenzoni Lasta
Vera Elenei da Costa Somavilla

Escrita como processo: experimentações

Betina Hillesheim
Letícia Lorenzoni Lasta
Vera Elenei da Costa Somavilla
(Organizadoras)

**Escrita como processo:
experimentações**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Betina Hillesheim; Letícia Lorenzoni Lasta; Vera Elenei da Costa Somavilla [Orgs.]

Escrita como processo: experimentações. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 85p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1252-4 [Digital]

1. Escrita. 2. Processo. 3. Prática. 4. Experiências e experimentações. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Sumário

- 9 Escrever como experimentação: sobre os caminhos de uma proposta**
Betina Hillesheim, Letícia Lorenzoni Lasta e Vera Elenei da Costa Somavilla
- 13 Capítulo 1**
Quem sou eu e o que me move conhecer, pesquisar, escrever?
Katiele Hundertmarck
- 19 Capítulo 2**
A correria do final do semestre meio que anda consumindo meu tempo e minha energia...
Bárbara Silva Laureano
- 23 Capítulo 3**
Escrever como resistência
Guilherme Vendruscollo Werlang
- 27 Capítulo 4**
“Amo o mundo suficientemente para responsabilizar-me por ele?”
Bruno Cristiano dos Santos
- 29 Capítulo 5**
Amor-rede: tecendo fios quebradiços
Leticia Silva Holderbaun

- 33 Capítulo 6**
Reflexões sobre minhas responsabilidades para e com o mundo
Neoli Paulina da Silva Gabe
- 37 Capítulo 7**
Meu cérebro tá estranho, mãe!
Letícia Aline Back
- 41 Capítulo 8**
Escrever um breve texto a partir da frase de Manoel de Barros: "tudo que não invento é falso."
Claudio Mansoni
- 43 Capítulo 9**
Eu por eu mesma
Carla de Sampaio Grahl
- 47 Capítulo 10**
Descrição de uma cena
Gizelle Schmitt
- 49 Capítulo 11**
O que me faz encontrar a poesia?
Lorena Milon de Alencar
- 51 Capítulo 12**
Um dia ensolarado de praia
Ana Cláudia da Silva Portela
- 53 Capítulo 13**
Onde encontro poesia?
Juliana Silva da Silva

- 55 **Capítulo 14**
Uma narrativa ficcional articulada ao objeto de estudo
Ana Clara Costa
- 57 **Capítulo 15**
A escrita como gesto de cuidado
Diego Genta da Rosa
- 59 **Capítulo 16**
Oficina de escrita, uma chave para refletir juntos sobre o significado de estar na escola
Sara Inés García Pérez
- 63 **Capítulo 17**
Tecendo Resiliência: o legado de um a outro
Gabriela Prado da Fontoura
- 65 **Capítulo 18**
O que me faz escrever?
Rosa Aparecida Massariolo
- 67 **Capítulo 19**
Entre a felicidade e razão
Juliana Silva da Silva
- 69 **Capítulo 20**
Descrição de uma observação
Ana Clara Costa
- 71 **Capítulo 21**
A imagem de uma pesquisa: os caminhos da construção do pesquisador
Ana Cláudia da Silva Portela

- 75 **Capítulo 22**
Descrição de uma cena
Diego Genta da Rosa
- 79 **Capítulo 23**
O que me faz encontrar poesia?
Gabriela Prado da Fontoura
- 81 **Capítulo 24**
O que me faz escrever?
Juliana Silva da Silva
- 83 **Capítulo 25**
A disciplina e a última travessia: observando toda a travessia com a certeza de ser este o caminho!
Jaqueline Ferreira dos Reis

**Escrever como experimentação:
sobre os caminhos de uma proposta**

Betina Hillesheim

Letícia Lorenzoni Lasta

Vera Elenei da Costa Somavilla

Escrever é estar no extremo
de si mesmo, e quem está
assim se exercendo nessa
nudez, a mais nua que há,
tem pudor de que outros vejam
o que deve haver de esgar,
de tiques, de gestos falhos,
de pouco espetacular
na torta visão de uma alma
no pleno estertor de criar.
João Cabral de Melo Neto

Três professoras/pesquisadoras inquietas se encontram. Cansadas das formas engessadas de pensar a pesquisa e das formas mecânicas de escrita sobre aquilo que tradicionalmente se denomina como *objetivos, justificativa, metodologia, discussão e análise de dados*, entre outros, interrogam-se: como inventar novas formas de pesquisar sem problematizar a escrita? Partem então de uma compreensão que as escritas das pesquisas compõem uma política, não sendo, portanto, inocentes, neutras ou acessórias. Afinal, se pesquisar não é da ordem de reprodução de uma pretensa

realidade pré-existente e conhecer não é (re)conhecer, nossas escritas também produzem nossas formas de ver, entender e estar no mundo. Nessa direção, a escrita da pesquisa “é muito mais que relato: é narrativa da relação de quem escreve/pesquisa com a situação investigada que possibilita a sua reinvenção, intempestiva e insistentemente” (Zanella, 2012, p. 89-90).

Deste encontro, surge uma intenção: desnaturalizar a escrita acadêmica, experimentando outros modos de pensar e fazer pesquisa. Para tanto, dois campos de experimentação: estudantes de um Mestrado Profissional em Psicologia e de um Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado). Assim, foram ofertadas, nos dois programas, disciplinas que tinham como foco políticas de pesquisa e escrita e que se organizaram mediante exercícios de escrita.

Kastrup (2012, p. 141), a partir da etimologia da palavra inventar – *encontrar relíquias ou restos arqueológicos* –, aponta que “a invenção não opera sob o signo da iluminação súbita, da instantaneidade”, mas implica em preparação, em uma prática de tateio, de experimentação com restos e possibilidades de conexões, sem a pretensão de recompor uma suposta unidade original. A invenção tem uma dimensão temporal, se dando com a memória e produzindo resultados imprevisíveis. Nesta perspectiva, a autora discute, apoiada em autores como Deleuze, Guattari, Maturana e Varela, que, se entre criação e invenção não existe uma distinção conceitual relevante, os conceitos de criatividade e invenção são radicalmente diferentes. Assim, enquanto os estudos sobre criatividade se relacionam a uma perspectiva instrumental, sendo a criatividade concebida como um processo que visa a soluções

originais para problemas existentes, a invenção envolve a própria invenção de problemas.

Portanto, a proposta não se coloca como *escrita criativa*, mas como fabulação, compreendendo-a, a partir de Deleuze e Guattari (1992, p. 222), que se trata de inventar procedimentos, uma vez que aquele que escreve “excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido. É um vidente, alguém que se torna”.

Tendo em vista estas questões, propomos uma disciplina que mesclava textos teóricos sobre o processo de escrever e políticas de pesquisa com pequenos exercícios realizados a cada aula. Assim, a cada encontro, havia uma provocação para a escrita e os/as mestrandos/as e doutorandos/as respondiam a estas provocações com breves textos autorais.

Este livro é resultado dessa experimentação. Os textos foram escolhidos pelos/as próprios/as autores/as e buscam narrar um percurso de desnaturalização da escrita acadêmica e, principalmente, de tornar-se autor/a. Não pretendemos encontrar, com isto, uma *solução* para as dificuldades com a escrita, muito menos prescrever formas de trabalhar a escrita na academia. Porém, entendemos que professoras e estudantes saíram transformados/as dessa experiência, deixando-se afetar pelos encontros, pelas leituras, discussões e produções compartilhadas.

Desse modo, alguns dos textos produzidos nestas disciplinas encontram-se neste livro. A multiplicidade de temas e estilos é proposital: cada um/a se desnuda um pouco ao escrever – lembramos aqui que, como discutem Tadeu, Corazza e Zordan (2004), estilo não significa escrever bonito, estando mais ligado à política do que à estética. Assim, esperamos que os/as leitores/as se aproximem com cuidado, visto que dizem de algo que está em

processo - seus efeitos talvez ecoem nas formas pelas quais estes/as estudantes pensem (e narrem) suas pesquisas.

Referências:

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 32, 1992.

KASTRUP, V. Inventar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C. (org.). *Pesquisar na diferença. Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 141-143.

TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ZANELLA, A. V. Escrever. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C. (org.). *Pesquisar na diferença. Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 89-91.

Capítulo 1

Quem sou eu e o que me move conhecer, pesquisar, escrever?

Katiele Hundertmarck

Eu sou aquela que está tentando pensar também. Pensar nossos corpos que estão sendo produzidos no cotidiano. Pensar como vamos produzindo os nossos corpos no dia a dia. Quem sou eu? Quem estou eu? Quem posso eu ser? Quem posso eu estar? O que tem sido permitido eu pensar sobre quem sou ou quem estou eu? O que tem me permitido pensar ou não? Há duas semanas eu assisti ao filme “Women Talking”, lançado em março de 2023 no Brasil, traduzido como “Entre Mulheres”. Um drama. Um filme em que as mulheres reivindicavam terem a permissão para pensar, como os homens de sua colônia o podiam fazer. Elas queriam ter legitimidade para pensar. Pensar não era, até então, algo permitido para aquelas mulheres. Elas pensavam, pensavam sim. Elas não podiam ir à escola. Elas não sabiam ler e escrever. Elas tinham tanto a pensar, a falar, a escrever, a fazer! Mas para algumas delas, não era nem possível pensar que pensavam.

Lembrei-me deste filme porque pensar quem eu sou, sobre o que tem me mobilizado a conhecer, a pesquisar e a escrever é também sobre pensar. Sim, pensar. Um pensar que me diz possibilidades de questionamentos. Questionar sobre como eu estou sendo, como eu estou vivendo. Um pensar conectado às incertezas e as dúvidas que uma das nossas autoras da semana, Guacira Lopes Louro (2007), nos provocou.

Questionar as violências que maltratam nossos corpos porque trazemos certas marcas sociais da diferença. Corpos que protagonizam diferenças de formas, andar, cores, performar. Violentam porque vamos construindo nossos corpos em desacordo com o esperado por alguns. Eu tenho sido esse pensar em minha pesquisa.

Pensar como uma potência. Neste sentido, eu acredito que o que mova a conhecer, pesquisar e escrever sejam os pequenos acontecimentos de meu cotidiano que nos violentam, enquanto construtoras de nossos corpos diferentes dos masculinos hegemônicos. O filme que eu mencionei pensa sobre isso. São mulheres que querem pensar e falar. Falar sobre as violências cotidianas que atuam nos seus corpos. Nos nossos corpos. Falar sobre o que sentem, o que as ferem e sobre aquilo que querem fazer cessar. Nesta perspectiva, aproximo-me destas mulheres para pensar no meu contexto local: a mobilização talvez venha destas pequenas e grandes injustiças cotidianas que insistem em nos inferiorizar, nos causar sofrimentos, violências e mortes. À vista disso, também tem me mobilizado, assim como no filme citado, as resistências que tenho observado. As resistências que insistem em sobreviver e denunciar algumas violências. As resistências que me permitem perceber as violências. As resistências que me permitem pensar sobre as violências. As resistências que ainda resistem.

Se antes, eu imaginava que as pesquisas, os conhecimentos e as minhas escritas poderiam mudar algo no mundo, hoje eu já penso que podem mudar a mim mesma e que isso já está bem bom até. No dia da escritora, 13 de outubro, eu li em um *post* no *Instagram* “*Dororidade*” (@*dororidade*) uma frase de Clarice Lispector “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém.

Provavelmente, a minha própria vida”. Eu curti e salvei o *post* porque, naquele momento, ganhou um sentido para mim pensar que, ao escrever, estou produzindo também quem eu sou e estou. Estou a me “salvar” de algo também. Estou a produzir outros sentidos para mim mesma. Estou conhecendo, pesquisando e escrevendo para ser e estar eu.

Escrevo, primeiramente, aquilo que eu acho que preciso ler, é para mim, mas, cheia de outras intencionalidades, é claro. Veja, ainda há algo prescritivo aqui - como nos alertou Guacira Lopes Louro (2007). Espero, carregada de esperança, que as minhas leitoras possam se mobilizar com as minhas escritas, ainda que saiba que os efeitos são imprevisíveis. Ainda está prescritivo, não é? Talvez eu precise prescrever que as minhas escritas sejam lidas para duvidar, colocadas em suspeição. É possível que assim seja mais adequado. Olha a prescrição novamente. Talvez eu esteja agora pensando que não há uma escrita que não seja prescritiva, pois, ainda que diga que não é uma prescrição, isso seria uma.

Tem me parecido que escrever é cada dia mais complexo. Pesquisar também. Conhecer, acho que nem tanto. É tempo de ter medo. Medo de dizer outras verdades. Produzir outros sentidos. De estabilizar algo, ainda que não seja a minha intenção. É perigoso e muito! Não pesquisar, não escrever também é. Mas essas não eram as perguntas iniciais. Voltemos a elas.

O que tem me movido a conhecer? A curiosidade, é claro! Eu penso que possa ser a vontade de conhecer como as coisas funcionam para alguns grupos em prescrição? Confuso. É para pensar mesmo. Vamos pensar? Se eu colocar o ponto de interrogação em todas as sentenças, não estaria eu prescrevendo? Estaria eu colocando a dúvida? Promovendo a discussão?

Deixando para que você possa construir seus próprios tensionamentos? Mas o que tem me mobilizado mesmo? Nossos tempos. Antes, eu queria conhecer para afirmar algo de novo. De novo, no sentido de novamente, não de novidade! Replicar algo que pudesse ser reproduzível no contexto local. Hoje, eu espero não saber ainda o que eu vou conhecer, pesquisar, escrever. Quero isso: como algumas coisas estão acontecendo no cotidiano do meu campo de pesquisa? Como essas coisas podem me fazer pensar? O que há ali e como tem me mobilizado? Eu não sei. A questão está aí. Para mim a dúvida, a incerteza. Como estou pesquisando sobre educação para as sexualidades com as juventudes, eu tenho pensado em conhecer como alguns cotidianos na escola estão produzindo violências e resistências quanto aos nossos corpos, gêneros e sexualidades? O que me move são as cenas que observo em meu cotidiano, a me provocar, a mobilizar meus ativismos em prol de causar pequenas fissuras, brechas para pensarmos nas possibilidades de outros modos de nos relacionarmos que não sejam violentos, que possam tornar as nossas vidas - e de nossas aliadas - menos sofridas, sem violências, sem abusos, sem hierarquias...com saúdes. Muito pretenciosa? Eu sei, mas um pouquinho mais esperançosa. É preciso esperar outros modos!

Nessa direção, a nossa outra autora desta semana, Teresa Cárdenas Ângulo, nos trouxe que a sua mobilização de escrita surgiu a partir de não se sentir representada na literatura, enquanto uma mulher negra. Gostar de ler e de produzir escritas, moveu-a para construir outras escritas, outras personagens, outras pessoas em outras histórias. Contar outras histórias, neste sentido, está me parecendo que pode contribuir com as minhas perspectivas teóricas. Ao contar outras histórias, acredito eu, poderia concordar

com a autora de “[...] que merecemos ser felizes e viver sem discriminação são o tema da minha vida.” (Teresa Cárdenas Ângulo, 2021, p. 28). O tema da vida que se confunde com os temas de escritas e de pesquisas.

Como já anunciei, estou me mobilizando a conhecer, a pesquisar e a escrever a partir dos acontecimentos do dia a dia na escola na qual eu trabalho, a fim de, tendo em vista alguns destes cotidianos, tensionar como vamos produzindo violências e resistências neste cenário. Nesta esteira, o que está me movendo a pesquisar é a observação de que o campo desta pesquisa é um ambiente que também produz *sujeitas* a partir das relações de saber e de poder que envolvem certas violências e resistências. Considerando algumas injustiças, desigualdades, inferiorizações, discriminações e outras violências, em sua maioria, direcionadas às mulheridades e às pessoas que não performam a cis-heteronormatividade, tenho me mobilizado a questionar: como tal contexto tem permitido que essas relações violentas possam se manter? E, ainda, como tem permitido certas resistências a essas relações violentas? Penso que a pesquisa tem sido mobilizada pelos afetos e o quanto esses temas afetam-me, uma vez que, historicamente, socialmente e culturalmente, temos sido pessoas que transgridem essas normas. Somos violentadas. Somos mortas. Temos restrição de direitos humanos, às vezes, nem consideradas humanas. Por que, os nossos corpos que carregam marcas sociais das diferenças podem ser violentados? Essa indignação. Revolta. Raiva. Sentimentos que também mobilizam o meu pesquisar. A mobilização de conhecer, de pesquisar e de escrever, nesse sentido, também me parece ser a de me colocar a pensar sobre tais acontecimentos, como estou contribuindo para mantê-los e

subvertê-los. Também pesquiso e escrevo para fazer pensar, eu e as minhas leitoras. Que possamos pensar, em todos os lugares em que estivermos.

Referências

ÂNGULO, T. C. Afro-cubana: identidade e memória através da escrita. In: AZEVEDO, Luiz Maurício *et al.* *Escritos negros: textos contemporâneos*, 2021, p.15-29.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar e escrever. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 25, p. 235-245, 2007. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

Capítulo 2

A correria do final do semestre meio que anda consumindo meu tempo e minha energia...

Bárbara Silva Laureano

Falar nunca foi meu ponto forte: ou falo demais ou falo de menos.

Mas me sinto confortável quando escrevo. Embora eu não consiga inferir meu tom de voz nas palavras, eu posso brincar com a escrita. Posso colocar mais drama através do ponto final. Uma reflexão com o ponto e vírgula. Um suspense com as reticências... (sou apaixonada por elas! Provavelmente porque escuto com frequência que sou muito acelerada...). Também posso ser dramática com as exclamações! Ou muito dramática com várias delas!!! Ou posso parecer indignada com exclamação e interrogação.

Ok, viajei aqui.

Enquanto escrevo imagino a expressão de quem lê meus devaneios e me divirto com isso.

(Nesse momento, estou no meu consultório, atrasada. Preciso ir para a clínica, mas o impulso de escrever é mais forte do que minha rigidez com horário. E ainda preciso comprar um presente de aniversário!)

Voltando às cartas... e na aula que me fez tomar vergonha na cara e escrever esse texto...

Quando escrevo, principalmente usando papel e caneta, não são apenas as palavras que passam a mensagem: mas o tempo e a dedicação para fazê-lo.

“Você é importante. Reservei meu tempo para isso. Um tempo grande porque faz 5 horas que estou escrevendo tentando fazer com que essa carta não se pareça com um receituário...”

Minha caligrafia sofre para acompanhar meu raciocínio...

E porque quis escrever esse texto totalmente e exageradamente prolixo?

Porque o mestrado começou, para mim, com o único propósito de obter uma titulação.

Falei isso na primeira aula e me envergonho até hoje.

Era meu único objetivo.

Com o passar das aulas entrei em contato com outras vivências, experiências e inquietações que mudaram minha visão... e modificaram minha prática clínica para além da mensuração ou modificação de um comportamento observável...

Apesar disso, sei que ainda sou bem quadradinha (viu como dá pra pegar leve escrevendo?) no que diz respeito à prática clínica e meu trabalho.

Levo ele tão a sério que não tenho tempo de ser leve...

Ah vá! Sou rígida mesmo.

Logo, minha escrita (acadêmica e profissional) sempre foi muito técnica.

Apesar de amar escrever para amigos e para meus pacientes, não é algo que faço com frequência, muito menos para mim.

Sempre tive diários, vários deles! Cadernos de perguntas que eram passados na sala de aula. Sempre troquei cartas, escrevia textos reflexivos (e depressivos, digamos de passagem).

Mas, desde que mergulhei nesse universo acadêmico e profissional, nunca mais escrevi. Tudo o que faço hoje, é meio que *Ctrl C, Ctrl V*.

Faço isso tão no automático que nunca havia parado para pensar a respeito. Parece que sou sempre a psicóloga.

Até sendo amiga, sou meio psicóloga...

Lembro que na primeira aula dessa disciplina, fiquei totalmente perdida. Escrita criativa? Oi? Como assim? Cartas como produto final? Fiquei achando tudo surreal demais.

Foi aí que as atividades começaram.

De repente me reencontrei.

Inicialmente meio tímida em meio ao turbilhão de palavras que já não faziam parte do meu vocabulário diário. Lembranças que foram arquivadas em algum cantinho, que por algum motivo, eu me neguei a acessá-las.

Histórias, histórias e histórias que cada vez mais sentia necessidade de compartilhá-las.

E lá estava eu... Compartilhando pela primeira vez a minha história com pessoas que havia acabado de conhecer.

Senti um pânico, confesso, quando surgiu a possibilidade de ter meus textos compartilhados com a turma. Sou tão reservada que nem minha psicóloga sabe o conteúdo deles, mas, quando escrevo, me solto.

Tudo o que está guardado ou engasgado é colocado para fora.

Escrever é terapêutico.

Escrever organiza ideias.

Escrever nos ajuda a transformar em palavras o que sentimos e que ainda não tem nome. Escrever nos ajuda a nos (re)conectarmos com as pessoas e com nós mesmos.

A escrita é um recurso que, no automático, comecei a usar com meus pacientes, mas nunca havia pensado muito no porquê. Agora eu sei.

Escrever é terapêutico. Escrever organiza ideias. Escrever nos ajuda a transformar em palavras o que sentimos e que ainda não tem nome. Escrever nos ajuda a nos (re)conectarmos com as pessoas e com nós mesmos.

Essa disciplina foi um sopro de ar fresco em meio à correria do mestrado.

Foi terapêutico.

Aos professores, obrigada pelos olhos e ouvidos.

(Ia fazer um trocadilho, mas sou péssima nisso)

Capítulo 3

Escrever como resistência

Guilherme Vendruscollo Werlang

Às vezes, me pego divagando sobre mundos que já não existem mais. Mundos em que as telas de computadores, de celulares ou da televisão não existiam. Onde a informação demorava dias, ou meses, até chegar ao seu destino. Onde o papel e a caneta eram os únicos meios de expressar as suas escritas. Será que esses tempos eram... “melhores” (não encontrei outra palavra), de certa forma? Fico imaginando... Será que as pessoas desse passado distante eram mais otimistas quanto ao futuro, em termos de avanços sociais, medicinais...? Elas imaginavam um futuro onde não existiria tanta desigualdade social e econômica? Será que pensavam que poderiam mudar a Humanidade para melhor? Acredito que esse otimismo era sentido e experienciado. E creio, também, que isso tenha se perdido.

Hoje, nós, que estamos nesse futuro imaginado pelas nossas gerações passadas, já sabemos que muitas coisas talvez não tenham dado certo. Sentimos que essa modernidade que vivemos é experienciada, de tempos em tempos, por crises. Crises econômicas, crises sociais, crises na educação e na saúde pública. Não temos mais certeza se algo irá durar. Sentimos tudo escapar, não há estabilidade nenhuma. Vivemos em tempos líquidos, como diria Bauman. Somos pessimistas (pelo menos essa é a minha percepção) quanto ao **nosso** futuro: pensamos sobre as mudanças

climáticas (se as calotas polares irão sumir, se os mares irão subir ou se as temperaturas globais irão aumentar). Pensamos se iremos nos entender um com o outro, se não iremos ter mais algum conflito global. Ou se teremos mais uma pandemia. São tantas preocupações que nos afetam e acho que essa é uma marca presente dos nossos tempos.

Enfim, queria dizer, originalmente, sobre imaginar um mundo em que essas telas não existem. Imagine 2023 sem computador, sem celular e sem televisão. Não conseguiríamos pensar sem essas tecnologias, certo? Não conseguiríamos viver sem elas. Parece até um exercício difícil de se fazer. Mas, por incrível que pareça, isso existiu. Somos inundados por informações e estímulos. Somos regradados pelas notificações dos celulares. Nunca, em toda a História, tivemos tanto acesso às informações quanto agora. Sabemos o que acontece no outro lado do planeta quase que instantaneamente. E nunca estivemos tão ignorantes, divididos e cansados quanto agora.

Como o professor William Araújo disse em um dos Seminários de Orientação, estamos conectados o tempo todo. Os nossos celulares e computadores são parte de nossas existências. Onde quer que a gente vá, sempre estamos com uma dessas telas. E ficamos ansiosos quando não estamos com elas. Não conseguimos ficar sem estímulos. Não conseguimos ficar parados e com os nossos próprios pensamentos. A nossa própria existência parece aterradora.

E o que isso tem a ver com a escrita? Bem, talvez nada, em um primeiro momento. Mas se pensarmos melhor, podemos observar que, talvez sim, tem tudo a ver. Não conseguimos escrever sem estarmos atrelados ao computador. Eu, enquanto escrevo este texto

para a aula de sexta-feira, estou digitando em um documento de Word, em um computador. A maioria dos nossos artigos, livros e textos estão armazenados em um campo cibernético que estão atrelados aos computadores e celulares. Nossas vidas privadas, profissionais e educacionais dependem dessas tecnologias. Então, acho que podemos fazer um exercício de parar, respirar e desprendermos um pouco desse mundo virtual: sei que é impossível de se fazer, mas nem que seja por algumas horas, de tentarmos escrever em um caderno, diário, bloco de notas, (seja o que for, que fique ao seu critério). E somente contemplar, admirar o nosso redor (como Érico Veríssimo (2005) diria: olhai os lírios do campo), tendo somente a nossa própria mente como companhia.

Referências

VERÍSSIMO, E. **Olhai os lírios do campo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2005.

Capítulo 4

“Amo o mundo suficientemente para responsabilizar-me por ele?”

Bruno Cristiano dos Santos

Para responder a esta questão, preciso primeiro entender o que é o mundo, como posso me responsabilizar por algo que não tenho a compreensão total da dimensão? E seria correto? Responsabilidade implica em decisão e, ao tomar uma decisão, também estou sujeitando aquilo pelo que sou responsável, pelos meus desejos, minhas perspectivas e valores. E quem disse que o mundo quer que eu seja responsável por ele? Quem me deu esse direito ou me incumbiu dessa tarefa? Ninguém, esta necessidade é inventada, como todas as coisas são inventadas. Você inventa a necessidade de responsabilidade pelo mundo para cumprir seus próprios desejos egoístas de mudar o mundo pela sua perspectiva e para justificar um propósito de vida. Viver por um propósito é prático, fácil e aconchegante: é por isto que criamos propósitos, para satisfazer a nossa inquietude e nos desfazer da angustiante ideia de que vivemos para um nada e que produzimos para um nada.

Por esta perspectiva, a pergunta então deveria ser, “Eu me amo o suficiente para me tornar responsável pelo mundo?”

Se preciso responder a esta pergunta de uma forma mais pragmática ou branda, então a resposta seria “não”, não sinto a necessidade de responsabilidade pelo mundo, o mundo existia muito tempo antes de eu nascer e vai continuar existindo muito

tempo depois de eu morrer, não possuo o desejo me fazer ser lembrado e tampouco quero forçar as pessoas a existirem com meus valores ou minhas métricas pra dizer o que é justo ou não é conforme minha vontade e imposição”.

Se preciso responder à pergunta da forma mais complexa, eu diria o seguinte: “O mundo é formado por um amálgama de vontades, é por isso que existe resistência, não como algo a ser resistido, mas como um outro lado de uma face que está no escuro, o contraponto lógico é a outra face estar na parte iluminada. Nós existimos e pensamos em responsabilidades, pois o mundo é formado por pluralidades que colidem em determinadas formas de pensamento antagônicas umas às outras, em uma problematização que é eterna. Não somos especiais, não somos heróis em busca de uma emancipação ou salvação do mundo, pois não existe algo do qual ser salvo, existe algo para o qual nós nos salvamos, a responsabilidade é interna, não externa, você se responsabiliza pelo mundo para se salvar, para ter paz consigo mesmo, então na verdade você se importa consigo, não com o fator gerador das suas angústias. A responsabilidade parte das angústias de realinhar os padrões do mundo, elas te torturam e você quer fazer parar; pois bem, cria-se então o propósito, o conforto de que você está responsável por algo. Quando se está responsável por algo, o mundo é menos complexo, o objetivo é a responsabilidade, é uma saída fácil, por exemplo, pensar que você precisa fazer o mundo um lugar melhor para seus filhos é prático e simples, te alimenta com a vontade, te dá o poder de exercer seus valores sobre alguém, seus filhos, você os molda para a responsabilidade que incube neles, mas o mundo é injusto e a vida é curta, portanto não se esqueça, nossas vontades não são a responsabilidade que o mundo quer, é o que você quer que ele seja”.

Capítulo 5

Amor-rede: tecendo fios quebradiços

Leticia Silva Holderbaun

Amar o mundo requer sair de si. Porque o amor, aqui, não é puro sentimento e não é pessoalista. O amor é uma bússola e um andar – uma ação. Amar como ação de se responsabilizar.

Sim, amar o mundo requer sair de si. Mas, por outro lado, amar o mundo requer confiar em si. Acreditar dispor de forças para lançar-se sobre o mundo, para engajar-se com o mundo para além dos hedonismos e dos projetos pessoais – inclusive os projetos de salvar o mundo que sejam fruto da vaidade.

Difícil resposta... Amo ou não amo? Amo o bastante? O amor é o único condicionante da ação de se responsabilizar sobre o mundo?

Talvez possamos inverter, por um momento, o amor-sentimento de Arendt, que é sentido pelas pessoas e não pelas coletividades. Há um amor pelas coletividades que também é sentimento, tal como aquele acendido pela infância, que nos defronta com a destrutibilidade da vida. Isso que se faz sentir diante da absoluta vulnerabilidade das crianças, que não são exatamente crianças, mas sim, “jovens” ou “menores de idade”. Que não são enlutáveis como as do território vizinho.

Entendo que o amor ao mundo não está condicionado a um amor individual, mas ainda assim é um amor doído. O amor é uma dor pela precariedade da vida. E a dor mobiliza... Mobiliza, sim,

mas também paralisa. Por isso eu disse que amar o mundo requer confiar em si, e também nos outros. Responsabilizar-se pelo mundo requer acreditar que algo não é vão.

Já confessei meu ceticismo, que é, em parte, fruto do sentimento de impotência. Sinto que a vulnerabilidade que tece a vida é maior do que todo o amor do mundo. A questão é se isso impede a utopia de tentar desenrolar mais quilômetros de amor, para estendê-lo como um cobertor sobre as dores de ser – e de testemunhar outras, outres e outros sendo, tentando ser, lutando para ser.

Amor de cético é desromantizado. O amor é um cobertor que nunca chega – disso já sei. Ao mesmo tempo que se responsabilizar pelo mundo requer crer em si e nos outros, acreditar em si requer também uma crença no mundo.

O amor talvez não seja um cobertor coextensivo à atmosfera. Pode ser que seja uma rede, uma malha que se entrecruza em dimensões e direções múltiplas. Que não faz teto, mas que atravessa e ocupa parcelas do espaço. O amor talvez seja mais terreno.

Os fios que tecem a rede são finos. Nada podem cobrir por completo, mas podem se adensar, podem multiplicar os pontos de conexão.

O amor talvez seja local. E esse é o tormento do descrente, tão ingênuo quanto um idealista. Idealista ao avesso, acredita na totalidade, “tudo ou nada”. Todo cético é um sonhador que se desiludiu do sonho?

Os fios que tecem a rede são de materiais distintos. Cada um tece o amor com o fio que tem.

Não sei. Não sei se bastam os meus fios quebradiços. Se basta um amor vacilante, movediço. Também é rede o amor dentro de nós. A rede afunda, é móvel, pode ser rasgada.

Rasgos em constante reconstrução.

Não sei. Não sei se é suficiente o meu amor sempre desiludido, sempre meio descrente.

Tudo que posso dizer é que espero que sim. Que tenho tentado. Que tenho, inclusive, falhado. Ao não fazer mais, não dizer mais, não me responsabilizar mais pelo mundo que compartilhamos. Mas tento, sigo tentando.

Luz oscilante que não se apaga. O amor segue puxando suas cordinhas. Diz “venha”.

Quero ir mais longe a cada próxima vez.

Capítulo 6

Reflexões sobre minhas responsabilidades para e com o mundo

Neoli Paulina da Silva Gabe

Para iniciar a atividade da aula do dia 01 de dezembro de 2023, me deparei com a seguinte questão: “amo o mundo suficientemente para responsabilizar-me por ele?”. Isto acabou por provocar alguns questionamentos e sentimentos angustiantes, talvez até de culpa ou egoísmo, por não me sentir capaz de amar o mundo ao ponto de ser responsável por ele. Todavia, sinto que sou consciente da necessidade de cuidar do mundo para que ele se torne um lugar melhor de se viver. Mas o que está ao meu alcance para me responsabilizar pelo mundo como forma de mostrar meu amor por ele? Talvez, sendo educadora, posso, através da minha pesquisa, sensibilizar e incumbir aos estudantes sobre os conceitos, de racismo, preconceito, fatos e vivências causadores de muitas dores?

Responsabilidade, de acordo com o dicionário Oxford, é a obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros. Uma palavra com uma carga intensa, se formos analisar com cautela. Assim, sinto que é difícil dizer que amo o mundo a ponto de me responsabilizar por ele. Como ser humano, vivencio a obrigação de fazer o meu papel social, sobretudo, também como educadora. É através da minha pesquisa que objetivo estimular ações que possibilitem a convivência em sociedade, de maneira mais amena e respeitosa, em especial, considerando o viés da acessibilidade,

proponho evidenciar os atravessamentos indispensáveis à comunicação entre todos, como nesse caso, ouvintes e surdos.

Como educadora, instigo os estudantes com discussões que os possibilitem pensar e refletir sobre as necessidades de compreender questões como racismo e preconceito e as marcas que causam nas pessoas que o sofrem. Assim, tanto os estudantes quanto eu, temos a oportunidade de aprimorar nosso conhecimento com o intuito de perceber a importância do respeito para que possamos viver em uma sociedade harmoniosa, conseqüentemente assumindo responsabilidades pelos nossos atos, amando o próximo indiretamente e tornando o mundo um pouco melhor.

A leitura do texto proposto para a aula “Mapas de um mundo em ruínas: pistas para pesquisar (n)o Brasil”, que afirma que “irresponsável” significa incapaz de ser chamado a prestar contas, é algo provocativo. Não me sinto incapaz de prestar contas; apenas não me sinto capaz de ser responsável e amar, e amar o mundo acima do meu ser. Algo que faz parte da minha essência é sempre pensar no que estou fazendo e como isso pode refletir no outro, principalmente, refletindo até onde vai o meu direito para que eu não prejudique o outro. Essa é a responsabilidade que sinto em relação ao mundo e às minhas ações.

Ainda sobre minhas leituras, é apresentado o conceito de amor mundi, de Hannah Arendt, como formas de construir responsabilidade e cuidado com o mundo através de políticas de amizade. Um conceito que acredito complementar essa percepção de Hannah Arendt seria o respeito, que, na minha trajetória de vida, é a palavra-chave. Respeitar e ser respeitado faz com que as

relações sejam permeadas e constituídas, possibilitando amizades e uma boa convivência.

Pode parecer utópico, mas entendo que o respeito é essencial para vivermos em sociedade, desconstituindo as marcas que o racismo, o preconceito, o bullying e outras questões que causam conflitos violentos. Compreendo que as questões raciais, de preconceito e outras violências vão além; são históricos e precisam desconstituir e constituir novas percepções e conhecimentos.

É possível, em certos momentos, sentir o mundo em ruínas, havendo sujeitos que não assumem suas responsabilidades consigo e com o mundo, entre elas a ética. Lembrando que estamos no mundo compartilhando com todos, pensando tanto no material quanto no simbólico, as ações de irresponsabilidade inquietam. Há muitas, mas é necessário continuar acreditando, constituindo e desconstituindo o nosso jeito nesse mundo para que possamos desconstituir a ideia de um mundo de ruínas.

Outra possibilidade, ao pensar para responder essa questão "se amo o mundo o suficiente para me responsabilizar por ele", acredito que esse amor seria cada um realmente fazer a sua parte, e isso é ser responsável, pois sabemos que a nossa existência neste mundo depende das ações de cada um, pensando no melhor para todos.

Nos últimos tempos, estamos sentindo muito as questões naturais e climáticas que são partes do nosso mundo. São questões que precisam do nosso cuidado enquanto ser humano com a natureza, pois estamos sentindo muito com as perdas de vidas e também bens materiais com esses últimos acontecimentos climáticos, em que vidas foram perdidas, famílias perderam suas casas, que não são apenas bens materiais, mas sim suas memórias e suas constituições de toda uma vida.

Essas são algumas questões elencadas do nosso viver em sociedade, sabendo que é muito desafiador ter minhas responsabilidades como educadora e pesquisadora também. Em razão disso, penso ser muito difícil dizer que amo o mundo de forma a ser responsável por ele, talvez seja uma ação egoísta que é algo que me angustia, mas sinto apenas que posso fazer o meu papel enquanto ser humano, educadora e pesquisadora.

Referência

HILLESHEIM, B.; MOREIRA, L. E.; CRUZ, L. R. Mapas de um mundo em ruínas: Pistas para pesquisar (n)o Brasil. In: MOREIRA, L. E.; HUNNING, S. M.; PARRA-VALENCIA, L. (Org.). *Políticas de pesquisa em psicologia*. 1ed. Florianópolis: Abrapso, 2022, p. 61-76.

Capítulo 7

Meu cérebro tá estranho, mãe!

Letícia Aline Back

- Meu cérebro tá estranho, mãe!

- Estranho, meu filho? Como assim?

- É, estranho. Não sei... estranho.

Assim, com os olhos miúdos, me acompanha.

- Mãe, fica aqui? Tu me *nanas*, até eu dormir?

- Sim, eu fico e te *nano* e te acompanho na chegada do sono e nos passos que forem possíveis de serem acompanhados.

É filho, às vezes o cérebro fica estranho. O mundo também. As coisas, no geral, às vezes, ficam estranhas e, por vezes, não sabemos muito o que aconteceu.

É engraçado te ver estranhando coisas.

As tuas descobertas são bonitas de serem acompanhadas. E essa curiosidade pelo mundo diz um pouco do que sou neste momento e do que me move em diferentes ventos.

- Às vezes, como brisa suave, fresca. Às vezes como o aviso de uma tempestade.

Sabe meu filho, meu cérebro também anda meio estranho. Várias coisas têm chacoalhado por aqui. As curiosidades que me habitam, a vontade e o gosto por estudar andam aflorados e me deixam assim, atrapalhada. Cabeça de vento, diria tua avó.

Sempre fui dessas: me encanto, me empolgo. Falo sem parar!
- é engraçado, te vejo assim, vez ou outra, falando, falando...

comendo as palavras, parando para pegar fôlego no meio da empolgação. Tão bonito!

Tenho para mim que esse encantamento e entusiasmo é coisa bonita de se produzir no outro.

Quando eu era pequenina feito você, não tinha uma prateleira de livros para compor meu quarto, nem a estante da sala. Livro era coisa cara e rara. As palavras-leituras só ganharam espaço na escola. Hoje, acho graça das tuas escolhas. De ver você parado em frente a pequena estante fazendo as escolhas do dia. Continuo achando que livros são caros (em alta estima) e raros.

Hoje meu filho, preciso responder a uma pequena pergunta: Quem sou eu e o que me move conhecer, pesquisar, escrever.

Poxa! Sou um monte de gente, de encontros. Sou tua mãe e doutoranda. Tua mãe e retomando-me pesquisadora – gosto de me reconhecer assim: fazer pesquisa como ato de mover-me no mundo –, movendo também os entornos, por vezes, quase imperceptíveis.

Ao pensar no que me move conhecer, pesquisar e escrever percebi que serei a primeira doutora da família. Filho, tu terás 7 anos quando eu terminar o doutorado! – Sobre isso: ainda falaremos muito sobre os privilégios que nos acompanham minha criança!

“Assim que parou de nevar, Pinóquio, com sua bela cartilha nova debaixo do braço, pegou o caminho que levava à escola. E enquanto andava, sua cabecinha ia fazendo mil fantasias e mil castelos no ar, um mais bonito que o outro.

E falando sozinho, dizia:

- Hoje, na escola, quero aprender logo a ler. Amanhã vou aprender a escrever. E depois de amanhã vou aprender a fazer os números. Depois, com a minha habilidade, vou ganhar um monte de dinheiro e com o primeiro dinheiro que tiver no bolso [...]”.

- Tá bom, mãe! Agora vamos mesmo dormir. Estou com sono.
Boa noite!

- Tá bem, seguimos amanhã. Te amo do tamanho...

- do universo!

Referência

COLLODI, C. *As aventuras de Pinóquio*. Companhia das letrinhas, 2002.

Capítulo 8

Escrever um breve texto a partir da frase de Manoel de Barros: "tudo que não invento é falso"

Cláudio Mansoni

Na penumbra das palavras, onde a tinta dança como poesia, emerge a singularidade de uma visão de mundo, a essência que transcende a realidade comum. Como Manoel de Barros, anuncio: "tudo que não invento é falso". Nesse reino mágico das palavras, reside a poesia da criação, uma celebração vibrante da imaginação como a própria força vital da existência.

A autenticidade se revela na dança ousada das palavras, na capacidade de inventar mundos inteiros a partir do universo da mente. É o sopro da vida naquilo que é novo e único, uma essência que ecoa como um cântico da alma. A liberdade, nesse universo poético, não é apenas uma escolha, mas uma necessidade - uma libertação para criar realidades que sobressaem a mera repetição do que já existe.

Assim, abraço a ousadia da invenção, desafiando as amarras da rigidez convencional. No papel em branco, sou um arquiteto de sonhos, esculpindo significados em linhas e curvas que fogem do comum. A jornada é uma dança entre a ousadia e a autenticidade, na qual cada palavra é um passo em direção à descoberta do verdadeiro eu no ato sagrado de criar.

Que a poesia seja a guia, a bússola do coração, na jornada para desvendar a autenticidade que se esconde nas entrelinhas da vida.

Nesse teatro de sombras e luz, a criatividade é a estrela que ilumina o caminho e cada verso é uma nota na sinfonia da existência, onde a verdadeira magia é descobrir a autenticidade no ato eterno de criar.

Capítulo 9

Eu por eu mesma

Carla de Sampaio Grahl

Essa sou eu: sentada aqui, na minha escrivaninha de trabalho, pronta para assistir a aula do Mestrado em Psicologia – “Política de Escrita, Pesquisa e Intervenção” – e me dando conta de que não fiz a tarefa que era para ser entregue ontem.

Não me espanto mais com esses deslizes – vamos chamar assim -, por conta da recente descoberta de déficit de atenção aos 55 anos. Me autoabsolvi! Compreendi que a procrastinação, os esquecimentos, a falta de organização, entre outros, são sintomas de um transtorno e não reveladores de uma má pessoa.

Ufa! Não sou preguiçosa e nem descomprometida. Só sofro da síndrome da falta de acabativas, segundo o neologismo criado por Stephen Kanitz.

Sou das iniciativas, começo e não termino, e coloquei isso na conta do excesso de criatividade, que penso ser uma força e não uma fraqueza.

O mundo precisa mais “acabativas” e, quando lembro disso, me motivo a terminar o que começo, incluindo este mestrado que, por vezes, me tira o sono.

Dois parágrafos e já dá para se ter uma ideia de quem sou. Aprendi que as palavras, nossa forma de escrever, os termos e os rótulos que utilizamos nos identificam na escrita.

Aqui, mesmo que eu não tivesse revelado a minha idade, o leitor já poderia ter criado uma imagem mental de uma mulher na meia idade só pelo uso do termo “escrivadinha”. Quem tem escrivadinha hoje em dia?

Sim, sou uma mulher de meia idade que acredita, justamente por isso, que vai viver até os cento e dez. Para um bom matemático, é só fazer a conta. Além disso, sou casada, tenho quatro filhos, uma neta, dois gatinhos e um cachorro.

É assim que eu sempre me apresento nos cursos de conciliação e mediação que sou tutora e brinco de ver quem me ganha neste quesito filhos...nunca perco.

Minha família é o meu laboratório, já que estudo temas de gestão de conflitos e sou *facilitadora de comunicação não-violenta*.

Ter família grande é desafiador e aprendi com a minha que relacionamentos são contratos que devem ser repactuados diariamente, através do diálogo, e que conflitos não são negativos, pois sinalizam quando nossos combinados já não atendem mais a necessidade de todos.

Só dou conta de tudo isso porque tenho superpoderes! O que mais utilizo é a capacidade de me teletransportar para Nárnia.

Conhecem Nárnia? Aqui em casa é como eles chamam o “meu maravilhoso mundo”, lugar onde me refugio, me escondo e me reorganizo.

Consigo me teletransportar para este mundo imaginário e maravilhoso que fica dentro da minha própria cabeça, em qualquer momento e em qualquer lugar, e lá ficar por horas parecendo surda e ausente... e lá acontecem coisas deliciosamente inimagináveis!

Difícil por vezes é voltar.

Tenho feito exercícios de presença e respiração para conseguir acionar o botão que me reconecta com a realidade.

A realidade dos outros, porque a minha, quem disse que é essa? Tem funcionado, por enquanto. Volto sempre mais energizada e motivada a dar conta das atividades do dia a dia.

Entre tantas, a de servidora pública. Adoro o que eu faço e isso é uma benção. Mais de 28 anos de serviço público e poder fazer o que se gosta é motivo para agradecer todos os dias. Sempre repudiei o desestímulo e temi ser daquelas servidoras velhas e desmotivadas que o pessoal costuma “jogar” no limbo.

Poder fazer o que se gosta nesta fase pré-aposentadoria é a minha fonte de juventude. Esta energia me direcionou ao mestrado profissional em Psicologia, coisa que eu nunca tinha pensado na minha vida, porque tinha uma certa implicância com a academia.

Poder fazer o que gosto rejuvenesce, porque me estimula a estudar, praticar, conviver com novas ideias e pessoas. Aprender coisas novas é ressignificar o modo de ser e estar no mundo.

Estar nesta caminhada me reconectou com o meu eu-criança e com os sonhos que eu tinha na primeira infância. Filha de professor apaixonado, descobri cedo meu propósito e o meu desejo de ser professora.

Fiz magistério e comecei a dar aulas aos dezesseis anos, no entanto escolhi caminhos que me afastaram desta vocação. Feliz agora com a oportunidade de retomar os sonhos através da minha pesquisa e poder contribuir efetivamente para a construção de um mundo melhor.

Lembram dos superpoderes? Sim, este é outro que tenho. O superpoder de acreditar que um mundo melhor é possível e que posso contribuir com um tijolinho a mais nesta construção.

Alguns chamam de utopia; eu chamo de fé, propósito e sentido. Não se pode esperar outra coisa de uma ariana com ascendente em Leão e lua em Áries.

Fogo no signo, no ascendente e na lua só corroboram alguns relatos que escuto sobre mim: ela é fogo!

Esse fogo é o que me mantém ativa, perseverante e motivada. Fogo que é combustível da vida. Fogo que faz o coração pulsar. Fogo que faz seguir sempre em frente, acreditando...

E, como chama que nunca se apaga, segue esta autobiografia sem ponto final, porque a história continua (...)

Capítulo 10

Descrição de uma cena

Gizelle Schmitt

Era uma tarde chuvosa de um dia de julho de 2008, quando recebeu a notícia que mudaria muito os rumos da sua vida. Fazer uma faculdade era algo fora de cogitação na sua realidade; por este motivo, uma bolsa de 100% seria a única opção viável, mesmo que ainda permeada de muitos desafios para conciliar estudos e um trabalho integral. Neste dia de julho, após alguns dias juntando papeladas e passando por entrevistas para aferição da renda familiar, veio a tão esperada boa notícia: conseguiu a bolsa de 100% no curso de Psicologia da maior universidade da região, pelo programa PROUNI. Naquele final de tarde, a alegria tomou conta. Não sabia se ria ou chorava; fez então os dois. O coração estava acelerado, o corpo tremia de tamanha felicidade. Os pés pareciam sair do chão. E o sorriso? Ah, era tão largo que chegava a doer as mandíbulas! Ali, naquele dia, a sensação era de que os rumos da vida seriam outros dali pra frente, ali havia a esperança de um dia viver uma vida mais digna, de um dia oferecer um lar bom e seguro para si e para a sua mãe que por tantos e tantos anos sofreu! Sabia que conseguiria isso através de muito esforço, trabalho e, principalmente, muito estudo. Ela nunca teve o apoio familiar na escolha profissional, era a profissão que todos diziam que jamais traria um sustento, mas seus amigos sempre a incentivaram a seguir seus sonhos. Seu melhor amigo na época, Gustavo, a

abraçou tão forte naquela tarde, como quem diz: *“eu sabia que você conseguiria, será muito feliz”*. E foi bem isso que aconteceu. Gustavo estava sempre ali para ela e foi o primeiro a receber a notícia e a dar o maior apoio e incentivo, a dar o melhor abraço. E ela, mesmo sabendo que teria dificuldades no caminho, mesmo sabendo que enfrentaria desafios e muita privação de sono, horas de estudo na madrugada, ônibus lotado, ela sabia, naquela tarde chuvosa, que tudo valeria a pena. E aqui ela está, após exatos 15 anos, com uma carreira bem consolidada, sendo a pessoa mais grata a Deus e mais feliz profissionalmente por este dia e por esta escolha.

Capítulo 11

O que me faz encontrar poesia?

Lorena Milon de Alencar

O que me faz encontrar poesia,
Seria a dor ou o amor?
É possível encontrar a poesia sem dor?
Acredito que, na minha mais bela poesia,
Haja muita dor, mas, se não fosse o amor,
Eu teria uma bela poesia?

Apesar do meu sofrimento, encontro alento,
Alento no amor daquele que me encontrou,
Pois de todo o meu lamento ele me tirou.

Vida me deu, saúde e paz me concedeu!
Assim faz com quem lhe recebeu.
Graça me deu quando a dor lhe entreguei
E assim encontrei tudo o que sempre sonhei.

Capítulo 12

Um dia ensolarado de praia

Ana Cláudia da Silva Portela

Cheguei à praia para apreciar uma manhã de domingo. O astro rei já estava lá, como de costume, espalhando seus raios dourados sobre uma vasta extensão de areia fina e branca: as dunas da Sabiaguaba. A praia se estende ao longo da linha do horizonte, encontrando o azul profundo do oceano em um abraço sereno. O som das ondas é uma trilha sonora constante, uma melodia suave que enche o ar com uma sensação de tranquilidade.

Fico ali observando os guarda-sóis coloridos distribuídos pela praia e as pessoas de todas as idades que se espalham pelo litoral, algumas estendendo toalhas para se deitar e relaxar, outras construindo castelos de areia com as crianças. E os risos e vozes alegres flutuam no ar, misturando-se com o som das gaiivotas que sobrevoam aquele imenso mar.

Esse cenário paradisíaco me convida a mergulhar nas águas mornas e, ao fazer isso, sinto o aroma adocicado do protetor solar, que escorre com a água que molha meu rosto. Saio da água e fico debaixo da barraca, me protegendo do sol que a essa hora já esquentou deveras. Voltei a contemplar aquele mar verde água. À medida que as ondas se aproximam da costa, elas quebram suavemente em uma dança constante de espuma branca.

Os surfistas são um espetáculo à parte, pois se aventuram nas águas *calientes*, nadando e brincando com suas pranchas de surfe. Nesse momento, o oceano parece infinito, estendendo-se até onde os olhos não podem mais ver, misturando os reflexos da cor da água e do céu.

Ao longe, vejo os barcos de pescadores deslizarem violentamente pela linha do horizonte, lutando contra as ondas, na labuta diária sob o céu brilhante de brigadeiro. O sol a pino não é motivo de desistência da luta e, cada vez mais, adentram a busca da sobrevivência.

À medida que o dia avança, o sol começa a esquentar em intensidade alcançando a tarde, e as cores do céu se transformam em tons de azul, um espetáculo deslumbrante para meus olhos. Hora de voltar para a casa, depois de ter revigorado a alma, bronzeados o corpo e celebrado a vida.

Capítulo 13

Onde encontro poesia?

Juliana Silva da Silva

Geralmente, quando se pensa em poesia, imaginamos as coisas boas da vida para nós, como tomar um mate no final de tarde, observar o pôr do sol, fazer uma refeição especial, conhecer um lugar novo, aprender coisas novas, lembrar da pessoa amada, assistir a um filme, olhar uma obra de arte, etc. Podemos pensar também no sofrimento que passamos como a descoberta de uma doença, a perda de uma pessoa querida, problemas financeiros, bem como nos sofrimentos enfrentados pela humanidade em geral, como a desigualdade social, doenças, envelhecimento, guerras pelo mundo, preconceito...

Pessoalmente, acho que encontro poesia principalmente em superar desafios como o de ser de uma família humilde que vive na zona rural e concluir a faculdade com bolsas de estudos, ganhar pouco mais de um salário mínimo e conquistar uma casa própria e um carro, conseguir se desvencilhar de empregos ou pessoas que não me faziam bem, crescer profissionalmente com poucos recursos, motivar a diferença na qualidade de vida das pessoas com o meu trabalho, mesmo com outras desqualificando minha prática profissional. Esse último, em especial, me faz muito feliz. Quando vejo cada um dos meus pacientes atingindo cada objetivo do tratamento, chego a dar pulos de alegria. Mas por quê? Porque a realidade deles é muito difícil e, além disso, a sociedade diz que

eles não são capazes. Assim, ajudá-los a atingir o máximo de seu potencial é o que me inspira a dar o meu melhor e, para mim, isso é poesia.

Capítulo 14

Uma narrativa ficcional articulada ao objeto de estudo

Ana Clara Costa

Ah, como eram difíceis aqueles dias em que sobrevivia às crises das crianças. Às vezes, no ônibus, indo para a faculdade, ela se pegava pensando como era para os pais vivenciarem aquilo diariamente, se ela que ficava 4 horas por dia saía “quebrada e exausta” de situações desafiadoras, imagine só os pais que vivenciavam frequentemente aquela realidade, sem pausa.

Cada “perrengue” prático a fazia questionar a humanidade de alguns profissionais que falavam *time-out* para “Ju”, que tinha só 4 anos e que estava chorando por não conseguir verbalizar que queria o carrinho. Ao invés disso, ela gritava e batia as mãos olhando para o carrinho.

Lá estava, o Psicólogo, quieto, fingindo não ver, escutar ou ouvir os gritos e os tapas na parede, ele dizia que entregar o carrinho mediante àqueles comportamentos iriam ensinar a criança a continuar a gritar e a bater.

E ali estava ela, questionando a sua própria prática, novamente pensando “como é para a família precisar manter o filho em sofrimento para não reforçar o comportamento”?

Um dia, “Ju” teve os mesmos indícios para querer o carrinho, aquele que ela não conseguia pedir com sua fala; no entanto, nos primeiros pulos antes da crise, ela se abaixou e disse “você quer o carrinho? Me mostra”. Com todo carinho, auxiliou “Ju” a apontar.

A criança apontou e saiu feliz com o carrinho!

Naquele dia ela não questionou sua prática ou sua atuação, mas decidiu que faria diferente e buscaria práticas humanas para ajudar com aquelas crianças e suas famílias. Nos dias que se seguiram, “Ju” começou a apontar para coisas que desejava. Em alguns meses, aquela “Ju” começou a dizer “Dá” ...

E hoje, “Ju” tem 10 anos: canta, fala, diz que está chateada e nunca esqueceu daquela moça, que hoje é psicóloga e que não aceitou continuar com as práticas invasivas e dolorosas.

Capítulo 15

A escrita como gesto de cuidado

Diego Genta da Rosa

A escrita, muitas vezes vista apenas como uma ferramenta de comunicação ou expressão, pode transcender seu propósito utilitário e se transformar em um **poderoso gesto de cuidado**.

Quando escrevemos com atenção e intenção, estamos, de certa forma, cultivando um espaço de cuidado tanto para nós mesmos quanto para os outros.

Esse ato de cuidado começa com a autoexpressão. Ao colocar nossos pensamentos e sentimentos no papel, estamos criando um espaço seguro para processar nossas emoções e reflexões mais profundas. Isso pode ser uma forma de cuidar de nossa própria saúde mental e emocional, ajudando-nos a compreender e lidar com nossos próprios desafios e preocupações.

Além disso, quando nos dirigimos aos outros por meio da escrita, estamos demonstrando empatia e consideração. Escrever uma carta, um e-mail ou até mesmo um simples bilhete para alguém é uma maneira tangível de mostrar que nos importamos.

Essas palavras escritas podem oferecer apoio emocional, encorajamento e conforto a quem as recebe. Assim, a escrita torna-se um veículo para transmitir amor e preocupação de uma forma que transcende as limitações da presença física.

Outra dimensão importante da escrita como gesto de cuidado é o seu potencial de influenciar positivamente a sociedade e o

mundo em geral. Escrever sobre questões sociais, ambientais ou políticas pode ser uma maneira de conscientizar as pessoas e mobilizá-las para a ação. Ao dar voz a questões importantes, estamos contribuindo para a construção de um mundo melhor e mais justo.

Ademais, a escrita cuidadosa envolve a escolha deliberada de palavras e a consideração das consequências de nossas mensagens. Evitar linguagem prejudicial, estereótipos e desinformação é uma forma de cuidar daqueles que podem ser afetados por nossas palavras.

A escrita ética e responsável é um ato de responsabilidade social e um gesto de cuidado em relação aos outros.

À medida que refletimos sobre essa poderosa forma de expressão, lembremos que as palavras têm o poder de curar, inspirar e unir. São uma ferramenta que podemos usar para criar conexões significativas, promover o entendimento mútuo e espalhar a compaixão. Portanto, ao pegar uma caneta, teclado ou lápis, recordemos do potencial da escrita como um ato de cuidado, tanto para nós mesmos quanto para o mundo ao nosso redor.

Capítulo 16

Oficina de escrita, uma chave para refletir juntos sobre o significado de estar na escola

Sara Inés García Pérez

Registro da Oficina da Escrita, encontro 1, do diário de campo para aprofundar a análise e refletir sobre o ocorrido. A partir de agora pretendo trabalhar os temas reconhecidos nas entrevistas semiestruturadas nos encontros.

Dia 3 de outubro de 2023, às 14 horas. Na sala de aula da 4ª seção B, da escola Santa Teresa de Vila em Chorrillos-Lima, comecei com o primeiro encontro da oficina de escrita. Para este evento, convidei os alunos da sala: destes, 13 alunos confirmaram, mas vieram 12. Noé escreveu para o meu WhatsApp pessoal, pedindo desculpas pela sua ausência. Disse-lhe para não se preocupar e que ficaríamos ansiosos para vê-lo na próxima reunião. Comecei a reunião em sala de aula, cumprimentei-os dando-lhes as boas-vindas para o primeiro encontro da oficina de escrita e depois contei-lhes sobre os comandos do dia.

Anteriormente, recomendei que eles trouxessem um caderno pautado personalizado, lápis, canetas, cores e marcadores. Observei que todos trouxeram, exceto o Adrián, que estava sem materiais. Naquele momento, enquanto os alunos participantes conversavam, fui rapidamente até a livraria que fica perto da sala de aula, comprei para ele um caderno, dois lápis, um azul e um verde.

Quando voltei, entreguei-lhe os materiais e ele me perguntou: é para mim? Eu disse que sim e *ele me agradeceu com um grande sorriso*. Foi muito agradável para mim.

Continuei então com a sequência do primeiro encontro: comecei compartilhando uma dinâmica chamada “Minha virtude com a inicial do meu nome”. Comecei dando o exemplo: Eu sou Sara e sou sábia.

Começaram a perguntar aos colegas que virtude viam neles e depois compararam como se viam, reconhecendo-se. Alguns ficaram surpresos com a forma como o viam e por não terem percebido que eles evidenciavam essa virtude e que outros o faziam.

Depois apresentaram-se conforme o exemplo que lhes dei, participando com entusiasmo e espontaneidade. Após serem ouvidos, pedi voluntários para dizerem como se sentiram e o que aprenderam na dinâmica. Naquele momento foi o Adrián quem me pediu para falar, eu disse que sim e ele, embora um pouco nervoso, disse que era como se ver num espelho que estava turvo e que isso clareava nos seus olhos. Dito isto, ele sentou-se com um sorriso no rosto.

Eu o aplaudi, agradei, e os colegas dele também aplaudiram, porque ele era um aluno que falava pouco e tinha alegrado aquele dia.

A hora da sessão passou rapidamente. Para concluir, expressei-lhes que as pessoas têm defeitos, mas também virtudes que são pontos fortes em cada um e que se potenciam na fase escolar e ao longo da vida.

Para iniciar a próxima cena, sugeri que pensassem em um nome para a oficina de escrita. O participante Carlos disse que seria um nome que os identificasse e refletisse o porquê de estarem participando.

Isso mesmo, respondi, e todos afirmaram que trariam ideias para a próxima sessão.

Perto do final do encontro, os alunos expressaram a perspectiva de conhecer mais sobre suas experiências em sua amada escola.

Vi o tratamento amistoso entre eles e, em seus olhos, a expectativa de continuar participando. Nos despedimos felizes e dei um abraço em cada um deles.

Terminei o primeiro encontro às 13 horas.

Capítulo 17

Tecendo Resiliência: o legado de um a outro

Gabriela Prado da Fontoura

Clara, olhou através da janela da pequena sala de estar, observando sua afilhada, Sofia, brincando no quintal com uma boneca improvisada.

A luz do sol dourava a pele de Sofia, realçando a beleza negra e a pureza em seus gestos infantis.

Clara suspirou profundamente, lembrando-se de como a vida de Sofia tinha sido marcada por desafios desde o início.

Enquanto seus olhos acompanhavam os movimentos delicados de Sofia, os pensamentos de Clara a levaram a um misto de emoções.

Ela lembrava do dia em que seu irmão, pai de Sofia, havia sido internado, incapaz de cuidar da própria filha. E a mãe? A mãe de Sofia não faz parte da cena.

A responsabilidade de cuidar da pequena Sofia recaiu sobre Clara, que sentiu uma onda de tristeza, mas também uma resiliência feroz que a motivava a enfrentar todas as adversidades.

Ela se aproximou da janela, assistindo Sofia rir enquanto dava vida à boneca feita de panos velhos. A cena de inocência e criatividade encheu o coração de Clara de uma mistura de orgulho e tristeza.

“Minha querida Sofia”, pensou Clara - com carinho. “Você merece um mundo repleto de oportunidades e amor”.

Ela recordou de todas as vezes em que tinha abraçado Sofia quando as noites eram difíceis e os dias ainda mais desafiadores.

Clara, sentia-se impelida ao porto seguro de Sofia, mesmo quando o peso das circunstâncias parecia esmagador. Clara estava decidida a ser a força motriz que ajudaria Sofia a superar barreiras. Uma lágrima escapou do olho de Clara, uma mistura de tristeza e determinação.

Ela sabia que estava criando uma conexão especial com Sofia, uma que transcendia os laços de sangue. Clara estava determinada a ser para Sofia o exemplo de amor, respeito próprio e autoestima.

Ela sabia que, cada momento investido, cada sorriso compartilhado, estava moldando o futuro de Sofia e dando sentido à vida de Clara, finalmente e novamente.

Capítulo 18

O que me faz escrever?

Rosa Aparecida Massariolo

Primeiramente, escrevo para dar vida às minhas ideias. É como dar asas aos pensamentos que borbulham em minha mente, permitindo que eles voem para fora de mim e se manifestem no mundo. A escrita é minha ferramenta para compartilhar minhas perspectivas, opiniões e conhecimento com os outros, tornando possível a conexão humana através das palavras.

Escrevo também para entender a mim mesma. Às vezes, minhas palavras são uma busca por clareza, uma tentativa de desvendar os mistérios que habitam dentro de mim. A escrita me ajuda a explorar meus próprios pensamentos e emoções, e muitas vezes me surpreendo ao descobrir aspectos ocultos de minha própria mente.

Escrevo para deixar o meu 'dizer' no mundo. Acredito que cada palavra escrita é um legado, uma forma de imortalizar nossos pensamentos e experiências para as gerações futuras. É a maneira pela qual contribuímos para a riqueza do conhecimento humano, uma pegada que deixamos na areia do tempo.

Escrevo para passar de ano, para alcançar meus objetivos acadêmicos. Embora a motivação imediata possa ser a passagem de ano, o hábito de escrever bem e eficazmente é uma habilidade que continuará a beneficiá-lo em sua jornada educacional e além dela.

No entanto, o que me faz escrever, acima de tudo, é a paixão. A paixão por compartilhar histórias, por comunicar pensamentos e por inspirar outros.

Em resumo, **escrever é minha maneira de dar vida às palavras, de compreender a mim mesmo, de compartilhar minhas histórias.**

É minha terapia, uma forma de conexão com o mundo.

Capítulo 19

Entre a felicidade e a razão

Juliana Silva da Silva

Era uma sexta-feira. Às 5 horas da manhã, o relógio de Claudia desperta. Ela fica admirando seu quarto e pensando no quanto tempo que ainda faltava para se levantar.

Nesse momento, lembrou os dias que passava olhando televisão após a escola e em seus programas favoritos, como as novelas e os filmes de romance. Mas, tinha que ir trabalhar. Nesse momento, levantou. Parecia que tinha 10 kg a mais em suas costas, de tão difícil que foi levantar. Coçava seus olhos e se espreguiçava, na tentativa de recuperar sua energia, mas não foi o suficiente.

Então, se arrumou para sair, não da forma que se arrumava em outras épocas de sua vida, mas amarrou o cabelo, colocou uma roupa qualquer que estava limpa e seu primeiro tênis que viu pela frente. Também arrumou seu filho para levá-lo à escola, com muito cuidado e carinho, ainda que estivesse muito cansada já naquele momento.

No ônibus em direção ao trabalho, as sensações ficavam piores, mas ela não entendia bem o motivo. Olhava as pessoas ao redor e imaginava como elas pareciam felizes e se sentia triste, pois, por mais que tentasse, não conseguia se sentir assim.

Claudia saiu da sala e foi chorar no banheiro. Foi nesse momento que ela lembrou de sua infância, de seus sonhos, de seus amigos, de seu filho, de seu amor perdido e de como esse trabalho

estava lhe fazendo mal, pois também não conseguia dar atenção ao resto de sua vida.

Então, tomou a decisão de se demitir.

Não pense que foi fácil essa escolha, ela precisava muito do dinheiro que recebia. Mas aquela menina sonhadora, que olhava novelas e filmes de romance, falou com ela e a lembrou de tudo mais que a fazia feliz.

Tomada por uma força e decidida a demitir-se, foi à sala do RH. Porém, lembrou novamente de todas as coisas que a mantinham naquele lugar. Pensou no compromisso nos cuidados com o filho e que não tinha outra fonte de renda ou rede de apoio para conseguir se desvencilhar nesse momento. Então, respirou fundo e voltou para o seu local de trabalho, imaginando o dia em que poderia ser mais feliz.

E, assim, segue a roda de sua vida, semelhante a de muitos brasileiros. Dia após dia, perdendo suas forças, até quando não conseguir mais lutar.

Capítulo 20

Descrição de uma observação

Ana Clara Costa

Era de manhã, um dia de trabalho normal na clínica. Uma mãe apareceu na porta da sala e pediu para conversar com meu colega, me levantei e disse que deixaria ela à vontade, mas ela disse que eu poderia ficar, que, na verdade, só queria **“colocar a cabeça no lugar”**. Ali fiquei de espectadora daquela conversa, digitando uma carta para uma escola.

A mãe, com aparência cansada, iniciou falando que todas as clínicas já a haviam encaminhado, pois sempre que seu filho de 21 anos entrava em crise e machucava o terapeuta, eles eram desligados do serviço. Naquele dia, ela havia pensado em não ir para a terapia, pois esperava que enviássemos alguma mensagem dizendo que não iríamos mais atendê-los.

Algo que não ocorreu, gerando medo de que esse desligamento fosse presencial. O profissional que acolhia a demanda disse que nunca passou pela cabeça de nossa equipe deixá-los, pois estávamos ali para ajudar e tentar diminuir esses comportamentos agressivos.

A mãe colocou suas mãos na mesa.

Relaxou seu ombro, olhou para o chão e disse entender caso quiséssemos desistir deles, pois ela, como mãe de autista, não tem a possibilidade de encaminhar o cargo de ser mãe, tirar férias dessa ocupação ou abandonar suas responsabilidades, mas que nossa

equipe não precisava apanhar. Poderíamos encaminhá-los que ela entenderia.

Entretanto, meu colega disse que não iríamos fazer isso, pois queríamos ajudar. A mãe levantou, deu um sorriso. Ela disse ser a primeira vez que um serviço não desistia dela, o que a fez querer justificar caso quiséssemos fazer.

Capítulo 21

A imagem de uma pesquisa: os caminhos da construção do pesquisador

Ana Cláudia da Silva Portela

...seria possível dizer que, de algum modo e em certo momento, seria possível ensinar alguém a escrever? Dito de outra maneira, haveria caminhos, rotas e elementos guiadores que transformariam um sujeito em um bom escritor? Ou, ao contrário, a escrita se faria no seu próprio ato de elaboração, como um desafio cujo enfrentamento caberia solitariamente ao autor? (BATISTA, 2019, p. 73).

A partir do excerto do texto indicado para leitura, escolha uma imagem que possa representar sua proposta de pesquisa, e escreva sobre a articulação da imagem com suas intenções de escrita.



Imagem: corredor no caminho sinuoso, íngreme e sinuoso

A imagem do corredor solitário em um caminho sinuoso, íngreme e carroçável pode ser uma representação simbólica poderosa para a minha proposta de pesquisa.

A jornada do escritor em busca da habilidade de escrever pode ser equiparada à corrida solitária nesse terreno desafiador. Na imagem, o corredor enfrenta um caminho sinuoso, que pode representar as complexidades e nuances envolvidas na escrita.

Assim como o caminho é sinuoso, a jornada de um autor também é cheia de reviravoltas, escolhas difíceis e momentos de incerteza. A escrita não é um processo linear; é um trajeto tortuoso que exige criatividade, reflexão e perseverança.

O terreno íngreme retrata os desafios que um escritor enfrenta ao tentar dominar a arte da escrita. A inclinação representa as dificuldades inerentes à expressão de pensamentos e ideias. A escrita exige esforço contínuo para subir a ladeira, superar bloqueios criativos e aprender com os erros ao longo do caminho.

A solidão do corredor também reflete a natureza solitária da escrita. Embora os escritores possam se inspirar em outros e aprender com suas obras, a escrita em si é um ato pessoal. É a voz única e singular do autor que ressoa em suas palavras. Assim como o corredor avança sozinho na estrada, o escritor enfrenta o desafio de articular suas próprias experiências e perspectivas por meio da escrita.

A imagem, portanto, se articula perfeitamente com a proposta de pesquisa que exige escrita do texto científico. Ela sugere que, embora haja caminhos e rotas para melhorar as habilidades de escrita, a jornada para se tornar um bom escritor é intrinsecamente solitária e desafiadora. A escrita se desenvolve no ato de elaboração, na exploração do terreno sinuoso e na superação das inclinações íngremes da expressão criativa.

A pesquisa pode explorar os métodos de ensino da escrita, mas também deve reconhecer a importância da autoexploração e do desenvolvimento pessoal na formação de um autor competente. A imagem do corredor solitário serve como uma metáfora vívida para a jornada da escrita, lembrando-nos de que a escrita é uma busca solitária e desafiadora, mas também gratificante, que cada autor trilha de maneira única.

Em última análise, a escrita é um ato pessoal e criativo, mas também é uma habilidade que pode ser refinada e aprimorada com o devido suporte e orientação, e essa dualidade é representada de forma simbólica na imagem escolhida.

Referência

BATISTA, B. N. Algumas maneiras pós -estruturalistas de responder às perguntas: Como escrever? Como ser autor?. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v.12, n. 3, p. 72 – 90, set./dez. 2019.

Capítulo 22

Descrição de uma cena

Diego Genta da Rosa

...seria possível dizer que, de algum modo e em certo momento, seria possível ensinar alguém a escrever? Dito de outra maneira, haveria caminhos, rotas e elementos guiadores que transformariam um sujeito em um bom escritor? Ou, ao contrário, a escrita se faria no seu próprio ato de elaboração, como um desafio cujo enfrentamento caberia solitariamente ao autor? (BATISTA, 2019, p. 73)

A partir do excerto do texto indicado para leitura, escolha uma imagem que possa representar sua proposta de pesquisa, e escreva sobre a articulação da imagem com suas intenções de escrita.

A imagem de uma mãe segurando as mãos do seu filho com autismo, junto de um quebra-cabeças de coração, simbolizando a jornada única que enfrentam, é profundamente comovente e repleta de significado.

Ela captura um momento de conexão e amor incondicional, mas também representa uma parte importante da experiência das mães de filhos com autismo, especialmente à medida que envelhecem. Esta cena também pode ser examinada sob a ótica da saúde mental e do processo de envelhecimento dessas mães.

A relação entre uma mãe e seu filho diagnosticado com autismo é frequentemente marcada por desafios e conquistas únicas. Elas passam por momentos de grande alegria e orgulho ao testemunhar o progresso de seus filhos, mas também enfrentam

desafios significativos relacionados às necessidades especiais de seus filhos.

Relacionando essa imagem com minha proposta de pesquisa reflito sobre a importância de manutenção da saúde mental dessas mães. Mães de crianças com autismo frequentemente lidam com altos níveis de estresse devido às demandas emocionais e físicas de cuidar de seus filhos por toda vida. Sendo o TEA (Transtorno do Espectro Autista) crônico, as crianças diagnosticadas com autismo necessitam de cuidados por toda uma vida.

Pensando nessa situação, me inquieto sobre os anseios e os efeitos que o processo de envelhecimento pode ocasionar na saúde mental das mães de filhos com autismo! Para garantir um envelhecimento saudável e apoiar tanto a mãe quanto o filho com autismo, é essencial que haja recursos disponíveis, como cuidadores de apoio, serviços de respiro e redes de apoio comunitárias. Além disso, a promoção da conscientização sobre o autismo e o desenvolvimento de programas de inclusão podem ajudar a criar um ambiente mais inclusivo para pessoas com autismo à medida que envelhecem.

Em resumo, **a imagem de uma mãe segurando as mãos do filho autista com um quebra-cabeças de coração é uma representação poderosa da complexa jornada que essas mães enfrentam ao longo da vida.** Ela destaca a importância da saúde mental, do apoio emocional e da conscientização sobre o autismo, enquanto também reconhece os desafios únicos que surgem à medida que essas mães envelhecem e continuam a desvendar o quebra-cabeça do amor e da compreensão.

Referência

BATISTA, B. N. Algumas maneiras pós -estruturalistas de responder às perguntas: Como escrever? Como ser autor?. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v.12, n. 3, p. 72 – 90, set./dez. 2019.

Capítulo 23

O que me faz encontrar poesia?

Gabriela Prado da Fontoura

Depende. Depende de onde estou. De quem sou naquele momento. Em mim, residem muitos outros. Imagina em nós?

Talvez o ato de - fazer - me faça encontrar a poesia. O que está fazendo? Lendo.

Ou ainda, poderia responder: Encontrando a poesia. Li, “Tudo é Rio”, encontrei frases que me tocam e marcam. Frases tão pequenas banhadas por tantos rios. Aqui está uma delas – “queria doer nele, a dor que ela sentia”. Ou ainda: “presos no desamor, viviam acorrentados como quem ama”.

E a questão em si não são as frases, é o simbolismo, é a subjetividade imbuída nas palavras. Assim, encontro a poesia, às vezes, em frases de livros ou em fragmentos que me parecem nus. Despidos de tudo aquilo que disfarça algo que se poderia ser, mas que não é. Dizia no livro: “Não era abandono, era entrega”.

Isso é poético porque de alguma forma me toca.

O outro eu, encontra a poesia no ato.

A exemplo disso, em uma corrida de rua, cruzei a chegada juntamente com uma pessoa de terceira idade. Eu estava *só o pó*. Me senti na obrigação de bater palmas para aquela mulher. *Um ato, para mim, poético*. Não as palmas, mas, sim, a resistência dela.

O outro eu, encontra a poesia no escrever.

A exemplo disso, escrevo mensalmente para o meu irmão. Não é e-mail, não é mensagem de texto, não é *Whats*.

É Carta. Escrita à mão e endereçada.

Quando vou escrever, geralmente no silêncio, encontro poesia. Assim como no fragmento de “Querer o bem, ainda que doesse nela” ...

Um ato, para mim poético.

Não as cartas, mas, sim, a resistência dele.

Capítulo 24

O que me faz escrever?

Juliana Silva da Silva

Geralmente, escrevo por questões formais, como um trabalho acadêmico ou algum documento referente à minha prática profissional. Contudo, algumas vezes, também escrevo quando situações cotidianas me tocam, como situações de violência, discriminação, desigualdade social e injustiça, que diariamente se apresentam nas redes sociais e telejornais.

Na verdade, minha escolha profissional também permeia essas questões. Amo o que eu faço e o impacto do meu trabalho para o público que atendo que sofre muito com essas situações. É compreensível que a mesma motivação que me leva a escrever também esteja presente na escolha e continuidade desse fazer.

Em alguns momentos, também percebo a escrita como um meio de organizar meus pensamentos e sentimentos.

Ao final de um e-mail, por exemplo, consigo demonstrar meu descontentamento com algo de uma forma muito mais efetiva do que de forma falada. Lembro também da minha adolescência, quando escrevia músicas a cada decepção amorosa. Ou do início da minha idade adulta, com a popularização das redes sociais e os escritos bem elaborados (ou não) para tocar o outro de alguma forma.

Acho que a motivação da minha escrita, de forma geral, está relacionada com meu momento de vida e a visão de mundo que tenho no momento de sua concepção.

Da adolescente romântica à adulta que ama o que faz.

Talvez, daqui um tempo, tenha outras perspectivas que me mobilizem pois a escrita, visto que o ser humano não é imutável.

Capítulo 25

A disciplina e a última travessia:

observando toda a travessia com a certeza de ser este o caminho!

Jaqueline Ferreira dos Reis

A palavra disciplina, segundo o dicionário, significa “obediência às regras, aos superiores, a regulamentos, ordem, conduta que assegura o bem-estar dos indivíduos ou o bom funcionamento”. Sua origem, a partir do latim disciplina, quer dizer “educação que um discípulo recebia de seu mestre.”

Assim inicio meu texto...

Esta disciplina trouxe para mim, como estudante, desobediência às regras da escrita acadêmica; regulamento nada regulável; uma certa desordem de ideias, pensamentos e criação; assegurou grande inquietação e me proporcionou novas e incríveis descobertas!

Pensando na sua origem, como discípula das mestras Betina, Vera e Letícia, me sinto privilegiada de ter experimentado esta jornada, curta e intensa, seguindo o mapa traçado por estas mulheres que estruturaram cada etapa deste percurso e garantindo, em cada parada, a possibilidade de escolha de agregar um elemento a mochila do conhecimento e das experiências.

Política de Escrita faz jus a sua ementa “outros modos de pensar e fazer Psicologia” e seu conteúdo “discutir, problematizar e refletir”.

Política é a arte de governar!

O que foi governado? Nossos pensamentos para fora do caminho, olhando ao redor, sem preocupação com o final do percurso, apenas apreciando a jornada.

Escrita é a representação da linguagem por meio de signos! Como representamos?

De muitas formas!

Muitos signos foram escritos, representando quem somos, o que desejamos, como pensamos, como agimos e onde vamos...

Como arte de governar estas representações por signos, nossas mestras foram impecáveis no desafio de provocar e instigar uma escrita que representa além do que se vê, além do que se sabe, além do que é comum.

A Disciplina de Políticas de Escrita nos embarcou em uma grande e inédita travessia...

Iniciamos conhecendo a embarcação, a proposta da disciplina, com a *Oficial Betina*, criativa e serena. Na sequência descobrimos o leme, escrever está intimamente ligado à forma como se pensa e se conhece, com a *Oficial Vera*, instigante e falante.

Oficial Betina retoma o comando e nos apresenta o timão, o como fazer, como atravessar fronteiras; depois apresenta as velas, ensinando investigar cada experiência; apresenta os mastros, que precisam ser cuidados e as cordas que amarram as estruturas, trazendo identidade à embarcação, com criatividade, inventividade e afetividade em cada material usado.

Retorna ao comando a *Oficial Vera*, que apresenta o mar, com sua biografia única, apresenta o mapa do caminho a percorrer, mostra onde se encontra o rádio, para as conversas online e o termômetro para medir os ambientes em diferentes tempo,

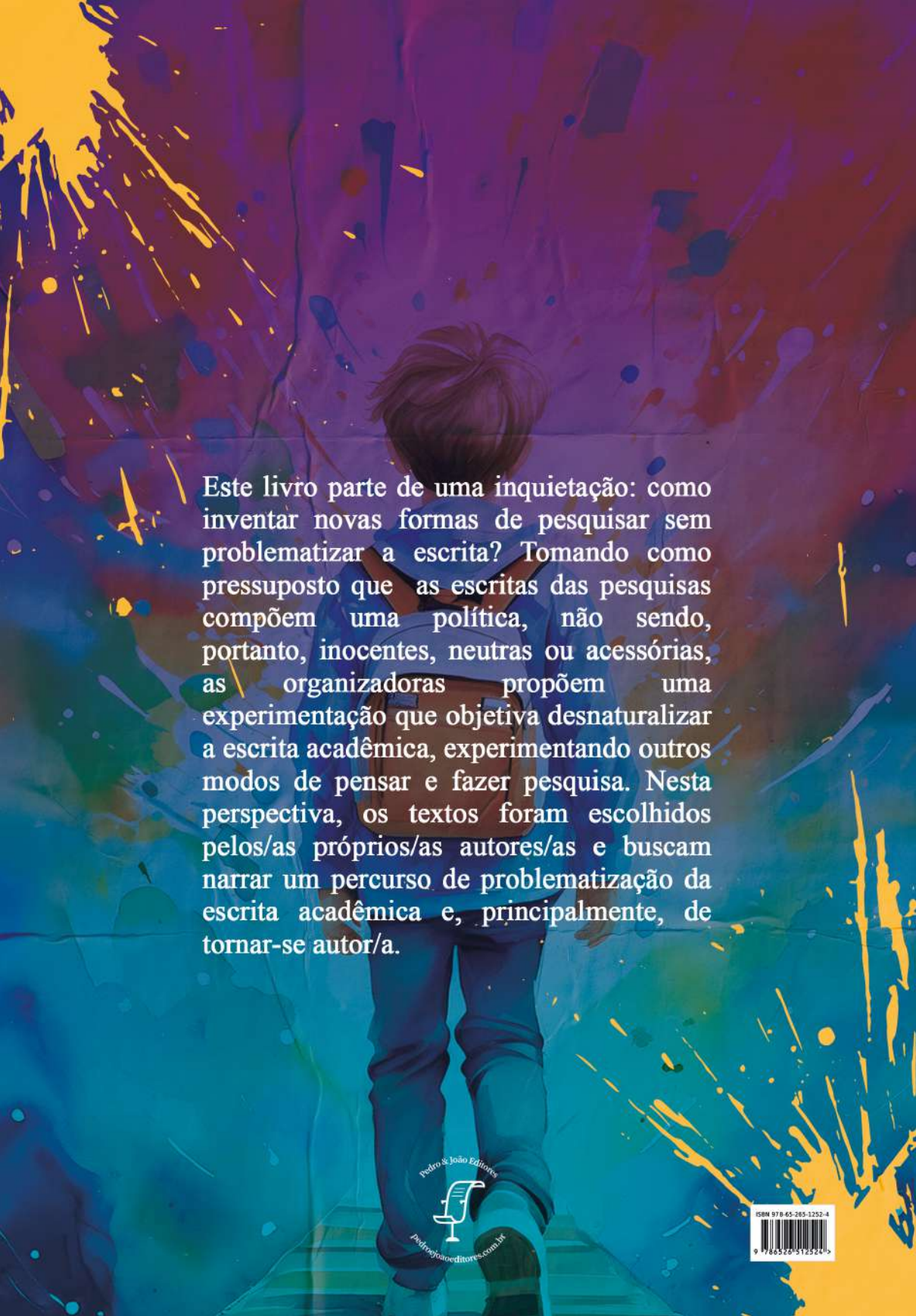
instigando e inquietando nossa capacidade de registrar e escrever estas experiências.

O último terço do percurso é assumido pela *Oficial Letícia*, metódica e disciplinada: com tranquilidade nos mostra a onda e como a observação do mar fará diferença em nossa rota; ensina os registros nos diários, eles serão nossos companheiros e carregarão nossas experiências e narrativas.

Diante das adversidades da travessia, escrever e receber cartas vai transformando quem somos. E, quase ao final da travessia, avistamos terra, conhecemos o binóculo, para enxergar além, compondo aproximações com nossas memórias de arte e ciência.

Criamos nossa história da turma e, ao aportar em terra novamente, recebemos um livro cheio de memórias desta travessia inusitada e carregada de afetos.

Meu agradecimento às Professoras Betina, Letícia e Vera e aos colegas da turma do Mestrado pela oportunidade de viver experiências incríveis neste percurso coletivo!

A child with a backpack is walking away from the viewer on a path. The background is a vibrant, abstract composition of paint splatters in shades of purple, blue, green, and yellow. The child is wearing a blue shirt and dark pants. The overall mood is artistic and exploratory.

Este livro parte de uma inquietação: como inventar novas formas de pesquisar sem problematizar a escrita? Tomando como pressuposto que as escritas das pesquisas compõem uma política, não sendo, portanto, inocentes, neutras ou acessórias, as organizadoras propõem uma experimentação que objetiva desnaturalizar a escrita acadêmica, experimentando outros modos de pensar e fazer pesquisa. Nesta perspectiva, os textos foram escolhidos pelos/as próprios/as autores/as e buscam narrar um percurso de problematização da escrita acadêmica e, principalmente, de tornar-se autor/a.

pedro & joão editores



pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-285-1252-4



9 786528 512524